

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação o Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.578

Sexta-feira, 13 de Janeiro de 19124

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Cobre, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de impressão—Rua da Azuleira, 111 e 113

PORTO, 17 — Na U. S. O. do Porto reuniram hoje as direcções dos sindicatos que resolveram organizar uma manifestação a favor de Pedro Mateo e Luis Nicolau.

A manifestação que se realiza no próximo domingo, pelas 14 horas, parte do Largo da Trindade para o Consulado Espanhol. — Correspondente.

UMA FORMIDÁVEL SESSÃO

Raul Brandão, Jaime Cortezão e Câmara Reis pronunciam-se contra a pena de morte e contra os atentados pessoais e cobardes sem significação definida

Poi, sob todos os pontos de vista, imponente a sessão promovida pela Comissão de Cultura e Propaganda da Federação da Construção Civil contra a pena de morte.

Conforme notícias usariam da palavra nessa sessão, os srs. Raul Brandão, dr. Jaime Cortezão e dr. Câmara Reis.

Muito antes da hora marcada já a sala das sessões e as contiguas estavam repletas.

Cerca das 21 horas, após uma breve apresentação feita pelo camarada Manuel Soares, o dr. sr. Jaime Cortezão iniciou a sua palestra, numa linguagem cheia de brilho e clareza.

Afirmou-se contra a pena de morte, como era contra a miséria e contra a ignorância. Entende que ninguém tem o direito de atentar contra a vida. Portanto, nem o próprio Estado tem o direito de tirar a vida de quem for.

Mas assim como não reconhece tanto o direito de matar a qualquer indivíduo, não podia reconhecer a qualquer indivíduo, só pode descurar excepções.

Ante o atentado individual, quando direitos sacrificados da vida o determinam.

A condenação da violência cega e contraproducente

É contra o atentado individual. Se a sociedade não tem direito a abater a vida, também ninguém em nome da sociedade mais perfeita tem o direito de ferir às cegas e fazer vítimas inocentes.

As palavras do orador foram nestes momentos reforçadas por inúmeros aplausos da grande assembleia.

No meio dos aplausos do oradorário o dr. Jaime Cortezão atacou os atentados anónimos e sem significação que por aí se tem produzido.

Não nega o direito de revolta contra a sociedade mal organizada, não impede, portanto, que alguém atente contra os seus direitos legítimos, mas ao mesmo tempo não quer que alguém se proponha eliminar uma vida tendo a coragem de expor nobremente a sua vida.

Referiu-se depois ao poder extraordinário da propaganda pela brandura e pela bondade, citando o cristianismo que começou a ser pregado por meio da vida de homens num canto do mundo e acabou por conquistar o império romano, o mais sólido de todos os tempos.

A assistência aplaudiu com entusiasmo as palavras do orador.

O educador deve ser contra a pena de morte

A seguir o dr. Câmara Reis, começou por afirmar que, como educador, condenava a pena de morte — porque a missão do educador era modificar a vida.

Referiu-se ao caso de certas pessoas detidas em prisão de morte como meio de sociedade se defender dos criminosos. Criticou com palavras profundas este critério, afirmando que a maioria dos casos de criminosos é um irresponsável porque o seu crime é resultado de uma educação de mau exemplo que a própria sociedade que o mata, lhe dá. Afirmou que o crime se elimina brandamente, banindo-lhe as causas e educando os espíritos.

A condenação formal da guerra

A despeito do progresso enorme da ciência, diz o dr. Câmara Reis, produz-se há pouco a grande guerra — um atentado monstruoso e desumano que não há exemplo na História. Condenando a pena de morte, tem o condão também esse morticínio colectivo.

A multidão manifestou calorosa adesão ao seu discurso.

A educação depurando os espíritos e anulando as taras, prosseguiu o orador, conduzir-nos há a uma sociedade mais perfeita. É necessário que o homem se interesse mais pelos problemas de moral. Há quem acredite na perfeição como um dom concedido, por um Deus de barba branca que há longos séculos rege o mundo.

Para outros a ideia de Deus representa a consciência humana e há ainda os que acreditam que será o homem pela sua constante progressão que há de alcançar Deus, isto é a perfeição. Então dirão: não há deus que criou o homem, mas o homem que criou Deus.

Referiu-se à nulidade do sistema penitenciário como elemento de regeneração humana, classificando-o da pior pena de morte, porque mata lentamente.

Creu um futuro melhor. Assim como a antiga escravatura — não a moderna — desapareceu, também o pobre desaparecerá de sobre a terra, e portanto também o criminoso deixará de existir.

O orador é alvo de manifestações de concordância, ouvindo-se uma salva de palmas, correndo o seu discurso.

As palavras emocionantes do autor de «Os Pescadores»

O sr. Raul Brandão, escritor a quem os humildes tanto carinho tem merecido, autor, consagrado, de várias obras admiráveis como «Os Pobres», «Humana» e «Os Pescadores» recentemente publicado, diz que nunca na sua vida fez uma conferência nem falou perante mais de dez pessoas. Os motivos imperiosos de uma «deza da vida» contra a morte — levam-no a pela primeira vez perante

que antecederam e diz que o dr. Jaime Cortezão quando se pronunciou, com uma nobre coragem moral, contra o emprego estúpido da bomba, talvez julgasse que iria contra uma opinião contrária da parte do operariado. Este, porém, mostrou nitidamente com os seus ruidosos aplausos a sua repugnância por esses gestos.

E ele, Campos Lima, antes do dr. Jaime Cortezão proferir as suas belas palavras já num artigo do *Suplemento da Batalha* exteriorizara, com assentimento, a opinião da redacção e da C. S. T., idéntica opinião. O proletariado repudia os atentados cobardes, praticados ao acaso, sem heroísmo e sem utilidade. A violência defende a sim uma grande luta, num movimento insurreccional, onde se não ferem inocentes mas apenas os interessados ou em defender o actual estado de coisas ou uma sociedade melhor.

A multidão entrecosta de veementes aplausos as frases de Campos Lima.

Referiu-se as teorias dos apóstolos que acreditam que o homem pode melhorar apenas por sua livre vontade, dizendo que só depois de se ter alcançado a igualdade económica se poderá lançar as bases duma regeneração moral profunda e profícua.

Por fim Manuel Soares, em nome da Comissão de Cultura e Propaganda da Construção Civil agradeceu aos oradores as suas palavras e anunciou para hoje às 20 e meia horas uma nova sessão promovida pela Juventude Sindicalista.

Foi tirada uma quele a favor dos presos por questões sociais que rendeu 62\$20.

Comenta os discursos dos oradores

NOTAS & COMENTÁRIOS

Sem vergonha!

O sr. Joaquim Ribeiro, que quando ocupou a pasta da Agricultura defraudou o povo para beneficiar a Moagem e defraudou o Estado para beneficiar aos lavradores, defende-se no «O Rebate» de ontem da primeira destas arguições.

Quando a segunda confessa a completa manifestação dentro do critério que aos lavradores deve ser dado dinheiro para eles se tornarem ainda mais ricos. E «O Rebate» que há tempos atacou o sr. Joaquim Ribeiro nas suas colunas, consente que ele agora lá escreva estas enormidades. Nem a vergonha éapanágio do «O Rebate» nem éapanágio do sr. Joaquim Ribeiro — a vergonha.

Contraste

O pão de segunda está cada vez pior, tornou-se intragável. Aquilo não é pão mas uma porcaria que enoja e uma porcaria que envenena. Se os directores da Moagem o comessem... Mas, não comam. Seria até interessante expor num lugar público o pão que os directores da Moagem comem e o que dão a comer ao povo. Talvez se isso se fizesse a Moagem perdesse por razões especiais, o gosto de envenenar o público...

A situação da Alemanha

Os crimes dos reacionários

BÉRLIM, 9. — A imprensa socialista e democrata continua acusando os grupos conservadores da Baviera e especialmente o Erh ardt de pretender atentar contra a vida do general von Seeckt. Segundo a imprensa socialista o atentado premeditado teria seguido linhas idénticas, aquele que vitimou Rathenau. O tenente Thormann fardaseia e montaria a cavalo e passando ao lado do general no picadello do quartel general de Berlim onde von Seeckt todos os dias monta a cavalo, desfecharia sobre ele.

O anti-separatismo no Palatinado

LONDRES, 17. — Uma deputada do Palatinado falando em nome de 800.000 alemães desta região declarou solenemente ao sr. Clive conselheiro geral da Inglaterra em Munich está procedendo a um inquérito acerca das condições do Palatinado, que a população desejava ver-se livre da escravidão do domínio separatista e manter-se fiel ao Império alemão de acordo com o Tratado de Versalhes e com as disposições do convénio Rhenano.

Pré-pesos por questões sociais

Comissão Central

Para tratar do auxílio a prestar aos camaradas presos, reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão.

Prevenção

O S. U. da Construção Civil de Almeida prevê todos os operários da indústria que não se iludam com o pedido de operários da Companhia Industrial Aliança para a sua fábrica de moagem existente no Caramujo, pois que a falta destes é devida aos baixos salários pagos por aquela firma.

UM BRUTO

Um patife que tem a coragem de denunciar um pobre fugitivo da Penitenciária

Há dias, um homem, moço ainda, condenado pelos juizes a perto de trinta anos de prisão — trinta anos de miséria e privações sem a caricia terna e do sol benedito — fugiu da Penitenciária, audaciosamente, arriscando a vida para voltar à vida.

Não importa agora saber o motivo porque esse homem foi preso.

Mateu Talvés existam atenuantes para o seu gesto irrefletido. Mas os homens condenaram-no em nome da honra da sociedade desmoralizada, a desonorar-se em pús. E ele foi metido a numa cela!

Fecharam-lhe as portas da Viúda. Coartaram-lhe o direito de tornar a ver a sua mãe e de beijar os seus irmãos.

Nunca mais veria o sorriso das crianças, nunca mais se aqüeceria ao sol da liberdade. E se teve uma noiva linda que o amou e que ele ergueu no altar do seu coração, os homens arrebataram-lhe também brutalmente, o direito de amar!

Todas estas desgraças lhe ocorreram a lembrança num misto de saúde e de revolta.

E fugiu!

Metido no seu fato de presidário que voltara do avesso para não ser conhecido, o miserável meteu-se a caminhar pelas estradas dos arredores de Lisboa, descalço, quasi nu, sofrendo as punhaladas do frio e as chicotadas da chuva. Assim vagou de dia e de noite, exausto pelo frio e pela fome abandonado dos homens, proscripção de afafeição.

A tusta mil canceiras chegou a A. Alfarelos.

Numa taberna onde entrou, deprimido de comer, mas perseguindo a ideia de desconfiar da sua aparência — o do seu fato que não recomendava...

Escorçado como um cão vândulo, acossado como fera à solta, o pária anónimo e desgraçado continuou a sua marcha errante, sem confiança no futuro, mas satisfeito pela liberdade económica, com risco da sua vida, em he locustado ao sol... chegou a S. Bento Comba Dão.

Ali, quando vagueava desprecupadamente, feliz dentro da sua granandinefelicidade, um homem viu-o e de desconfiou dele.

Acerrou-se do pobre mendigo o de afeições e captou-lhe a confiança: — O melhor é você vir comigo. Do Doulhe de comer; arranjo-lhe um fato, e foge de noite para lugar seguro...

Comer! Um fato! Como não havia lá o triste de aceitar, lhe ofereciam, ali ali, generosamente, a esperança duma reabilitação. Com um fato que não aquele que levava, fácil lhe seria arranjar trabalho e começar uma vida nova.

Entrou em casa do generoso bemfeitor e aguardou que lhe dessem de jantar, como lhe haviam prometido. De De correram uns minutos. E quando esperava que lhe matassem a fome, o proprietário bondoso, convertido em carrasco, entrou, com o administrador do concelho.

Fôra uma cilada! O fingido generoso amigo em vez de pão e de agasalho, lhe entregava-o à polícia, jogando com a sua miséria. Sem respeito pela vítima

POR ESSE MUNDO POR

NORTE AMÉRICA

Melhoramentos no serviço ferroviário

WASHINGTON, 17. — Foi dada ordem para que os comboios das grandes linhas sejam providos com os dispositivos eléctricos necessários para evitar abalroamentos e para dar a máxima segurança aos passageiros de essas linhas.

RÚSSIA

Congresso Comunista Russo

REVAL, 17. — Ontem começaram os trabalhos preparatórios para as reuniões parlamentares. Depois de amanhã, inauguram-se há o congresso dos sovietes russos em que serão tratados importantes assuntos. Estes assuntos serão depois submetidos ao exame do Comité Geral Executivo, que examina a realidade governa a Rússia por intermédio do pequeno grupo central dos negócios políticos. Liga-se um interesse maior à reunião do Congresso da Federação dos Sovietes porque se espera que ali se trate da crise económica que assoberba a nação.

Também se espera que sejam feitas várias críticas à acção do Comité Central. A Prava publica um artigo condenando a linha de conduta da oposição. As personalidades mais dissonantes são Trotsky, Radek e Platokof. A atitude da Rússia perante o Partido Comunista Alemão será examinada, devendo-se estabelecer discussão entre o grupo executivo central e o comité da internacional comunista. Trotsky estará ausente devido à sua doença e será Radek quem terá de defender a sua política. Os dissidentes da política central vão-se esforçar por substituir Trotsky e Radek no governo central, mas eles não dispõem de muita força nem de muita energia e não se cre que sejam capazes de conseguirem melhorar a situação económica.

FRANÇA

A queda do franco

NEW-YORK, 17. — Nos mercados desta cidade assim como em Londres e Amsterdão, foram lançadas grandes quantidades de francos por especuladores a quem interessa a queda dessa moeda. Também teve influência sobre a baixa do franco as notícias pouco satisfatórias sobre o estado das finanças francesas.

INGLATERRA

Greve de marinheiros alemães

LONDRES, 15. — As tripulações de todos os navios alemães no porto de Londres, declararam-se em greve.

Exigiam salários iguais aos dos seus camaradas ingleses. Os marinheiros alemães realizaram uma entusiástica reunião em Poplar, onde foi aprovada uma moção insistindo no acordo em que exigem nove libras e meia por mês, em lugar de duas libras e deoitto shillings que se recebiam anteriormente.

As tripulações alemãs estão sendo auxiliadas pelas Unões dos Marinheiros e Fogueiros ingleses, negando-se os ingleses a atrair ou substituir os seus camaradas alemães. Prepara-se uma conferência entre os armadores alemães e a União dos Marinheiros alemães e as duas Unões inglesas que defenderão as tripulações alemãs.

Os descarregadores e estivadores do porto solidarizaram-se com os alemães, paralisando as desargas. A greve foi aumentando à medida que os navios iam chegando, tendo-se ante-ontem de

Operários e Intelectuais

A colaboração e cooperação dos técnicos numa obra de cultura mental

A missão que nos impuzemos ao lançar a publicidade do nosso Suplemento literário e ilustrado vai sendo compreendida pelo proletariado e apreciada pelos técnicos e pelos educadores. Correspondendo aos objectivos do Suplemento de *A Batalha* que são contribuir para a educação mental das classes trabalhadoras e promover a cooperação dos técnicos e dos intelectuais que com sinceridade e honestidade de intenções queiram trabalhar com o sindicalismo revolucionário na construção de uma sociedade mais justa e mais perfeita, tem vindo pôr à nossa disposição os seus conhecimentos especiais novos elementos intelectuais. Essa cooperação é pelo Suplemento bem aceite desde que ela provinha de indivíduos que nunca — que nos saibamos — tenham evidenciado antipatia pela nossa causa, e desde que abordem assuntos da sua especialidade técnica.

Está nestes casos o dr. sr. João Camoazes, que como médico e dentro da sua especialização, está tratando no Suplemento de *A Batalha* de vulgarizar princípios de medicina industrial que ao operário consciente muito convém conhecer. Animada por este exemplo e afirmando-se a sua simpatia pela orientação educativa do Suplemento, a dr. sr. D. Adelaide Cabete acaba de nos fazer saber o seu desejo de colaborar neste semanário numa noção prática de higiene individual. É com prazer que acolhamos o oferecimento da illustre médica a infatigável e culta feminista, olerete, no entanto, a sua colaboração simplesmente como médica, por ventura por nos saber nem sempre de acordo com as ideias que orientam o movimento de que, entre nós, é chefe.

Do dr. sr. Carneiro de Moura, que o operariado muito bem conhece por bastas vezes ter subido aos estrados dos nossos sindicatos, já no próximo número do Suplemento publicamos um interessante artigo em que o illustre professor e publicista socialista patenteia a sua viva convicção na vitória do movimento sindicalista.

O Suplemento literário de *A Batalha* acolhe os depoimentos autorizados que venham corroborar e robustecer as ideias que preconiza e propaga os conhecimentos de toda a ordem indispensáveis à educação da consciência operária.

clarado em greve 200 tripulantes de mais nove navios.

Em Hül declararam-se em greve para o mesmo fim, as tripulações de mais nove navios alemães. — (E).

CHINA

Rapto duma missionária americana

PEKIN, 17. — Mrs. Juliana Kilen missionária americana na China foi raptada por bandolheiros chineses. As tropas regulares conseguiram libertá-la, estando agora em Lyang na provincia de Hoton.

MÉXICO

6 homens mortos numa explosão de gasolina

PORTO ARTUR (TEXAS), 17. — Explodiu um motor de gasolina na companhia de refinação do Texas. Ficaram seis homens mortos, cinco horrosamente queimados que não há esperanças de salvar e 22 gravemente feridos.

O imperialismo americano manobra...

NEW-YORK, 17. — Chegou de Vera Cruz um cruzador inglês para proteger os subditos britânicos.

JAPÃO

Tremor de terra

TOKIO, 17. — Houve um novo tremor de terra nesta cidade que se fez sentir também em Osaka, Kioto e Kobe. Parece que o epicentro deste fenómeno teve lugar em Mithoumo.

Os senhores Um «tru» infame

Sobre o caso a que fizemos referência no nosso número de quarta-feira do senhorio Alfredo Vieira, morador na rua de São Jerónimo, 79; ter arranjado um «tru» para expulsar o seu inquilino José Maria Medeiros da casa da mesma rua com o n.º 73, somos informados que esse mesmo senhorio já ameaça de pôr na rua os restantes inquilinos. Quem insultou e ameaçou o inquilino foi o senhorio e não o ex-agente Costa, como dissemos.

Mateo e Nicolau

O proletariado continua a protestar contra a sua condenação

Sessões de protesto

Promovida pelo Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, realizou-se hoje, pelas 20,30 horas, uma sessão de protesto contra a condenação à morte das camaradas Mateo e Nicolau.

Este Núcleo, convidou os organismos operários e agrupamentos revolucionários a fazerem-se representar nesta sessão que se efectuará na sede, Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

A Associação dos Medidores de Cereais, em assembleia geral, votou um protesto contra a condenação à morte de Pedro Mateo e Luís Nicolau e contra o encarceramento de Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos, deliberando-se mandar um ofício neste sentido ao ministro de Espanha em Portugal.

O Sindicato dos Operários da Construção Civil de Extremoz, na sua última assembleia geral, depois de falarem sobre o assunto António de Carvalho, Luís Ceia e outros, deliberou enviar um ofício ao representante de Espanha protestando contra a condenação à morte de Pedro e Nicolau e contra a prisão de Manuel J. de Sousa e Manuel da Silva Campos.

Federação Rural

Na última reunião do conselho geral foi resolvido enviar ao ministro de Espanha um ofício de protesto contra a condenação à morte de Luís Nicolau e Pedro Mateo e contra a arbitrária detenção em Sevilha de Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa.

S. U. C. C.

A secção profissional dos pintores deliberou enviar ao ministro de Espanha um ofício de protesto contra a condenação à morte de Luís Nicolau e Pedro Mateo e contra a detenção arbitrária de Silva Campos e M. J. de Sousa.

Sindicato Unico Metalúrgico do Porto

PORTO, 15. — No passado domingo efectuou-se uma importante reunião das classes metalúrgicas, a convite deste organismo, para marcar a sua orientação perante o perigo que correm os marítimos da liberdade Luís Nicolau e Pedro Mateo, que a justiça burguesa de Espanha, inspirada no ódio cego que vota ao ideal, anarquista, condenou à morte.

Nesta grande reunião fizeram uso da palavra Sadi de Sousa, Santos Vizeu, Cactano Reinha, Augusto Correia, Mário Ferreira e Rodrigues dos Santos.

Foi aprovada uma moção que concluiu assim:

Protestar publicamente contra os actos tirânicos das autoridades de Espanha e dar a sua franca e revolucionária adesão a C. G. T. que vai promover um intenso protesto nacional no sentido de inutilizar os intentos da reacção espanhola, restituindo a liberdade aos marítimos libertários Mateo e Nicolau e os delegados da C. G. T. portuguesa.

EM SILVES

Realizou-se uma importante sessão de protesto

Conforme estava comunicado realizou-se no dia 16, na Associação dos Operários Corticeiros, uma sessão de protesto contra a condenação à morte de Luís Nicolau e Pedro Mateo e contra a prisão, em Espanha, de Manuel J. de Sousa e Silva Campos.

Usaram da palavra Domingos Passarinho, José da Silva, Joaquim Rodrigues, José Capili e José Vieira, que vieram com a seguinte declaração:

sentido ou significação a frase de Cambronne que nesta ocasião me ocorre sobre o facto que do origem a esta reunião.

Eu bem sei que estas coisas não devem ser tratadas a sério mas a gargalhada ou metendo-as a ridículo, mesmo porque castigando ridores, salvo nos casos em que a comédia cede o lugar à tragédia, que no fim de contas, só pode ser compreendida e sentida por aqueles que a tem experimentado, motivo pelo qual sou propenso a perdoar aqueles que não sabem o que fazem porque, predestinados à sua eterna bem-aventurança, lhes faltou o Creador com a sensibilidade e o entendimento de que não quiz privar determinados animais que o homem considera seus superiores, pois que, de «presunção e água bendita» cada um toma a porção que lhe dá na gana, e eu desejo que lhe faça bom proveito.

José BENEDY

P. S. — A imprensa que não transcreveu o meu sobredito apelo, desatendendo o meu pedido que naquele se continha e que nem ao menos lhe fez referência porque todo o seu espaço é pouco para a defesa dos interesses superiores do alto comércio e da finança, exprimo aqui a minha profunda mágoa pelo seu espírito requintadamente mercantil, em oposição à solidariedade humana que devia ser o seu objectivo principal.

J. B.

Classes que reclamam

Classes gráficas

Realiza-se hoje a assembleia magna destas classes para apreciar o relatório e contas do último movimento e resolverem as reclamações a apresentar aos industriais em face da desmedida ganância dos comerciantes, senhores, etc., que mercê duma situação privilegiada influem com o seu egoísmo revoltante na atribulada existência dos que trabalham.

Do espírito animador de que se acham possuídas as classes é prova irrefutável o manifesto que abaixo transcrevemos e que profundamente foi distribuído pelas classes:

Camaradas:

Não é momento para longos arrazoados de estandarte retórico. A hora é de revolta — revolta justa de quem atinge, há muito, a meta dos sofrimentos humanamente possíveis — e não, para sentimentalismos piegas de quem mendiga uma esmola, a que se não julga com inteiro direito.

«O momento é de sacrifício — dizem os que, vivendo do trabalho alheio, tem os seus interesses ligados aos grandes trusts e os capitais postos a salvo nos Bancos do estrangeiro.

«É necessário produzir, produzir muito! — gritam os políticos, os que diariamente organizam revoltas e forjam revoluções, das quais só nós, os operários, sofremos os desastrosos efeitos.

E, todavia, nunca o escandaloso e arrogante luxo, dos primeiros, e a preguiçosa indolência, dos segundos, afrontam dum modo tão flagrante o produtivo labor dos que se estiolam dia a dia numa oficina, recebendo em troca um montão de cédulas que, garantindo-lhe a certeza duma morte lenta à míngua de alimento, numa carreira vertiginosa voltam, em breve, à sua procedência.

Pois bem, nós, convencidos de que no intimo de cada componente das classes a que nos dirigimos germina incessante a mais nobre rebelião contra a desigualdade tremenda desta sociedade infame baseada no roubo e na mentira, bradamos que a hora é de luta, luta tenaz, pela conquista de mais um pouco de pão, de mais um pouco de bem estar, a que temos indistincto direito.

Não pretendemos levar-vos a reclamar o superfluo, não desejamos que vos lanceis num movimento falho de razão, mas, não temos dúvida nem receio de vos chamar à luta pelo direito que vos assiste de viver, e, presente, os gráficos das casas de obras não vivem — vegetam.

E se a alguns de vós faltar a coragem para impor o respeito a uma sagrada pretensão, procurai-a na palidez das faces das vossas companheiras e filhos, onde a insuficiência da féria, que lhes levava ao sábado, deixa bem visíveis os traços inconfundíveis da miséria que se esconde.

Assim, e julgando estar no espírito de todos a necessidade imediata de reclamar dos srs. industriais tipográficos o indispensável para viver, não nos podendo, de momento, preocupar-se do caminho é bom ou mau, mas atender, apenas, a que é o único que se nos oferece, exortamos as classes dos compositores e impressores a que se libertem da prejudicial inação em que se tem mantido e ocorram na sua máxima força à Assembleia Magna, para resolver quais as reclamações a apresentar aos srs. industriais, certos de que, só pelo esforço próprio, eles conseguirão melhorar a sua miserável situação económica.

Julgamos dispensados de comparecer aqueles a quem 9000 esc. semanais cheguem para custear as suas despesas, mas, consideramos réus de um crime improrrogável todos os que, sentindo a imperiosa necessidade de reagir contra o estado de coisas, se deixem comodamente ficar em casa, entregando a outros a pesada tarefa de defender os seus mais directos interesses.

A mais estreita Solidariedade, aliada à razão que nos assiste, será garantia suficiente para a vitória da nossa causa.

Unamo-nos, pois, e lutemos sem desfalecimentos, por mais um pouco de pão para nós e para nossos filhos!

É de esperar que as classes correndo em massa a esta assembleia provejam, dum forma bem clara, não se acharem dispostas a continuar na deplorável situação em que até aqui se tem mantido desprezando com um indiferentismo que felizmente lhe não é peculiar, os mais directos e sagrados interesses.

Marítimos de Cezimbra

CEZIMBRA, 17. — Apesar dos esforços que tem dispensado, a comissão de melhoramentos não conseguiu ainda que se modificasse a insensata e desumana atitude dos armadores, que mentrosamente alegam não poderem atender as reclamações do seu pessoal e que este é em número excessivo.

Um fato de oleado custa hoje a bagatela de 120000 e por um avariado, que custava 40 centavos, exigem a exorbitância de 25000! Ora sem estas vestimentas não se pode ir para o mar, mas os armadores consideram, pelo visto, os seus operários como simples irracionais, que sacodem o pélo para se libertarem da água que os incomoda.

Nem o administrador do conselho, que tem mostrado a melhor vontade em que as duas partes em litígio cheguem a acordo, conseguiu ainda demover os industriais da sua intransigência.

Parece que o delegado marítimo se tem deixado impressionar com o canto das serenas patronais, que impõem sem obstáculo o que lhes dá na gana.

Entretanto os marítimos mostram-se dispostos a prosseguir na luta com a mesma firmeza.

Faró. — Agente. — Recebido 20430.

Evora. — F. J. C. — Diário e Suplemento ficam pagos até 31 de Março.

Vila Moreira. — J. C. D. — Teoria de Educação, segue correio, custa 4500.

Setúbal. — J. C. P. J. — Curso de Contabilidade, de Pequito, excolado; quando apparecer segunda mão, chegam 100000.

Organização Social Sindicalista — Preço 3\$00

Teatro Nacional

HOJE

Repetição da peça de D. João da Camara

O belo e vigoroso drama

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

Colisen dos Recreios

HOJE — às 21 horas (9 da noite)

Grandioso e incomparável sucesso da

NOVA COMPANHIA DE CIRCO

A melhor, mais completa e mais variada que tem vindo a Portugal

Cavalos — Palhaços

As ultimas novidades mundiais

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

APOLLO: Teatro

HOJE — De 10 a 12 horas (10 da manhã)

OS GERALDOS

Reiz Maravilhosa

VIDA AIRADA

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

Alcácer-Ribir

HOJE

EDEN TEATRO

Compagnia António de Macedo

AMANHÃ

1.º repes magno neste teatro da celebre máscara de Edmundo Gárdia

AMANHÃ

19

Definitivamente

AMANHÃ

17 — Deslumbrantes quadros — 1.º

3 — Grandiosos apoteoses — 3.º

300 — Ratos — 300

80 — Figuras em scena — 80

AVISO

As marcações de bilhetes só são respeitadas até às 16 horas de hoje. Os preços não tem locação para «premières»

Os que morrem

Afonso Alves dos Reis

Com bastante concorrência electiva se tem o funeral de Afonso Alves dos Reis, o novo militante que muito fez pela organização operária e que tuberculoso arrebatou das lutas proletárias.

Fizeram-se representar o S. U. de Construção Civil, a Associação dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal e de Cimento, a Associação dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal (secção do Alto do Pina), o Núcleo de Juventudes Sindicalistas, Grupo Terra Livre e os seguintes organismos do Alto do Pina: Secções dos Sindicatos Unicos da Construção Civil e Metalúrgico, Secção das Juventudes Sindicalistas, Comissão Mista de Propaganda da Sindical e Grupo «Os Aliados».

Junto do coval falaram Manuel Augusto Silveira, Núcleo das Juventudes Sindicalistas de Lisboa; João Rodrigues de Carvalho, pela Associação Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina; Sebastião Graça, pela Associação dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal (secção do Alto do Pina); e Manuel Fernandes Correia, pela Associação dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal (secção central, Meia Laranjeira).

Fizeram ressaltar as qualidades de trabalho de Afonso e o seu amor ao ideal de emancipação humana.

Foram também lidos officios dos grupos por questões sociais do Limoeiro e da Federação das Juventudes Sindicalistas.

O caixão, a coberto com a bandeira da Secção da Construção Civil do Alto do Pina.

Agremiações várias

Associação dos Empresários Portugueses. — Raineiro, hoje, sexta-feira, às 15 horas, no teatro Politeama sob a presidência do sr. Carlos Botelho a comissão organizadora da Associação dos Empresários Portugueses, a fim de serem discutidos e aprovados os estatutos que hão de ser submetidos à apreciação da próxima assembleia geral.

Como esta Associação é extensiva a empresários de todo o país tem já recebido muitas adesões de empresários de teatro, de cinema e praças de toros da provincia a quem oportunamente serão enviadas as necessárias informações.

As Mágicas

A primeira representação de «A Pera de Satanaz» no Eden-Teatro

O público de Lisboa, sempre encantador, sempre pronto a aplaudir bom teatro, espaz de desvanecer-lhe as apreensões tristes da vida e a auxiliares iniciativas simpáticas, vai amanhã um belo ensejo de expandir o seu entusiasmo perante a arrebatadora montagem da velha mágica «A Pera de Satanaz», no Eden-Teatro.

«A Pera de Satanaz», que há setenta anos encarnou as delicias dos sonhos ascendentis, fará reviver as alegrias das sadas da velhada de hoje e constituirá um emocionante espectáculo para crianças.

No Eden-Teatro, que propôs um encenar com as suas portas abertas ao maior brilho possível, celebra mágica, está-se ensaiando de noite. Artistas, coristas, maquiagem, mestres e orquestra, tem-se verdadeiramente incansáveis no desempenho de um conjunto digno de admiração, modernizando o espectáculo de tudo quanto, com o rol das temporadas, passou de moda. Os cantores «A Pera de Satanaz» representam, tempos que vão correndo, uma forma que qualquer burguez ambicionaria.

A mágica tem 17 quadros. O grupo compõe-se de 300 fatos de fantasia, há quasi um mil estão seccionados por 30 costureiras e todos por distintos artistas.

Todos os adereços e maquiagens cheios de novidade. Há muito tempo não se fazia esta afirmação — que Lisboa se não realiza um grande esforço para a montagem duma peça.

O desempenho de «A Pera de Satanaz» está confiado à brilhante companhia de operetas, mágica e revista de António de Macedo. Os principais serão interpretados por Luiza Maria de Lourdes Cabral, D. João de Macedo, Tereza Taveira, Carlos Alberto Chirra, Jorge Roldão e Alfr. Henriques. A mise-en-scena é de M. Mateus. O corpo coral é composto de quarenta coristas senhoras e de 30 garçons.

A gentil ballarina «Yulu», já tã conhecida do nosso público, executará decorrer da mágica sugestivos balletos.

Desde o principio da semana corria que o publico está ansioso por assistir a primeira representação de «A Pera de Satanaz». O seu interesse e a sua curiosidade ficarão plenamente satisfeitos amanhã.

Sociedade de Recreio «A Pongala». — Realiza-se hoje, às 21 horas, uma aula de curso elementar de B. rano para os sócios inscritos.

VIRGÍLIO ARRAIANO

COVILHÁ

— Vende directamente ao consumidor —

FAZENDAS PARA FATOS DE HOMEM OU SENHORA

— PEÇAM AMOSTRAS —

Mano postal

Faró. — Agente. — Recebido 20430.

Evora. — F. J. C. — Diário e Suplemento ficam pagos até 31 de Março.

Vila Moreira. — J. C. D. — Teoria de Educação, segue correio, custa 4500.

Setúbal. — J. C. P. J. — Curso de Contabilidade, de Pequito, excolado; quando apparecer segunda mão, chegam 100000.

Organização Social Sindicalista — Preço 3\$00

O PORTO SEM ASSISTÊNCIA

A alarmante situação do hospital da Santa Casa Um caso típico da nossa assistência

PORTO, 15. — A cidade está encurvada como esteve. A Santa Casa, Chove por todos lados e para todos os lados...

Quando uma chuva cai e outra, sobre transformada em neveiros — permitindo-se-me a parafusa — os cadáveres das almas de conservas... dos parcos salários do operariado, vão continuando na sua faina destruidora a dentro desta «colónia» em água...

O Tartarino, sumido no seu palácio governadoral, é impotente para conter a turba comercial, a qual continua a esperar, condescendente, o seu duque de Mons... de ladrocinhos inconcebíveis...

E' natural, porém, atento o desesperto que se vai desenhando em todos os arecos, que as «mãos» da rapinagem se encaixam, e em vez de «Mons», surja a «esquadra»... da revolta a fazer arrear a bandeira dos libusteiros...

Apesar, porém, do ruído tempestuoso da invernal, ainda ouvimos o marulhar dos protestos que se vão erguendo a favor do hospital da Santa Casa.

O hospital geral de Santo António está abandonado pelo Estado. Tem até ferrado o cão dalgum dinheiro que lhe destina. Aquela estabelecimento de assistência hospitalar, se não lhe acodem a tempo, corre o risco de ser encerrado...

Há, no entanto, quem observe que fechada não é bem assim. Os rendimentos das loterias que os beneméritos lhe têm deixado, podem, sem dúvida, não chegar para os 600 camas que funcionavam antes; podem, certamente, não cobrir os encargos que acarretam os 400 leitos que agora estão em serviço humanitário. Mas sempre há de enfrentar o gasto que se possa fazer com o internamento de 4 dúzias de doentes.

Isto é, o que se diz.

Mas, certamente, o Porto não pode ficar restringido a um hospital de vires reduzidas.

A cidade é, por assim dizer, um imenso hospital sem assistência médica. Diariamente, constatam-se doenças súbitas; verifica-se a existência de prostrados na via pública, mercê da enorme morbilidade de causas morbidas: enfra-

quecimento físico, por falta de alimentação regular; entoxicamentos, devido à falta de saúde permitir que se venda toda a qualidade de poltreiras...

As classes pobres, as que mais sofrem os rigores do quepamento físico, já há muito que não usufruem os benefícios, dos socorros que outrora o dito hospital lhes concedia. Essas classes, que não possuem posses para pagar uma simples consulta, vão ficar abandonadas de todo. Se já assim dezenas de criaturas falecem, cotidianamente, ao desamparo pelas ruas, para não falarmos nas que se finam nos seus humildes lugarejos, e a quanto montará depois o número de vítimas?

Estes são os comentários que o próprio operariado faz à volta da questão. Mas diz-se também: o norte do país canaliza milhares de contos para o Estado, destinados à assistência pública. Qual a razão que esse poder de dinheiro não vem para auxílio dos nossos hospitais?

Tudo isto justifica, afinal, que o Estado, absorvendo tudo, é impotente para acudir aos problemas mais instantes e de maior responsabilidade.

E este protesto contra a atitude do poder central, por não atender urgentemente à alarmante situação do hospital da Santa Casa, é um valioso depoimento a desfavor da forma estatal da nossa sociedade capitalista, a única causadora de todo este mal estar.

São as próprias forças do «olho vivo» — que podiam, por conta do que tem roubado ao povo que trabalha, dar alguma coisa das suas fortunas colossais em benefício da Misericórdia em que chegam que reconhecem aquela verdade...

Registe-se...

Um caso de rua muito eloquente e muito a propósito:

O jovem que se finou, entre serapielheiras, na anfractuosidade do muro da cadeia das Virtudes, teve honras especiais. Como os grandes homens que se destacam pela sua inteligência ou pela sua elevada posição nas direções sociais; desgraçado, que se evidenciou pela sua extrema miséria, esteve perto de quatro dias em exposição — dentro

do seu improvisado quarto-cova, no cemitério à vista...

Depois chegou um carro da desinfecção, com os respectivos empregados e quatro táxis pregados a arremataram um esquife...

Um cheiro nauseante evolava-se do espaço. O cadáver estava a desfazer-se. O seu estado de putrefacção horrorizava. Repugnados até à medula, os dois empregados da desinfecção esboçaram uma recusa; não queriam bobolar no cadáver...

O polícia que velava o morto, viu entre a multidão alguém com quem se estava de rixa; dirigiu-se-lhe, agarrou-o pela gola do casaco e obrigou-o, violentamente, a meter o infeliz no esquife. Não contente com isto, queria obrigá-lo a transportar sozinho, às costas, o corpo morto, aquele feixe de formas e humilhações encaixotadas, visto que o carrinho mortuário estava um pouco a distância. Fraco de espírito, de compleição franzina, trémulo, farto de cor, o homem declarou não aguentar com o «carretilho». Foi um desrespeito, porque devia ser robusto. O guarda, enquanto o morto estava no chão a receber a sraçagem a tarde, esboçou o seu antagonista: amaldiçoou-o no solo...

O povo, na sua maioria mulheres e crianças, protestou indignadamente contra o bárbaro procedimento. O polícia encarveceu-se em tigre; rapou do tórax, acutilou e rasgou o casaco a um viandante. A cólera popular redobrou e um outro «civil» armado apareceu; mas, em rápida reprovação, não se meteu na dança, e o agressor escolheu as garra...

Foi depois desta «manifestação» de último adeus ao indolente finado, o qual ainda depois de morto andou em bolandas, que os tais empregados do carro se resolveram a levar o cadáver a caminho da morgue, enquanto o apatizado civio conduziu o seu agredido a caminho do Aljube...

São estas as belezas da assistência; pública...

E' esta a educação e a utilidade da polícia, que anda a chorar pelos jornais a sua preciosa de aumento de soldos...

¿Não é tudo isto eloquente?

LISBOA NA RUA

Rendimento dos operários

Na enfermaria C. 2. A. B. do hospital de Santa Marta deu ontem entrada António da Silva Pereira, de 24 anos, carpinteiro, residente na rua de Miguel Pais, 12 r/c. ao Barreiro que nas oficinas Gerais dos Caminhos de Ferro foi colhido por uma garlopa, ficando ferido na mão direita.

Cadáveres reconhecidos

No Instituto de Medicina Legal foi ontem reconhecido e identificado aquele indivíduo que há dias foi colhido pelo rápido de Madrid, próximo do apeadeiro de Entre-Campos, Chamava-se Miguel Covas Esteves, de 28 anos, empregado do comércio, filho de Casimiro Covas Esteves e de Rosa Esteves Lamosa, solteiro, natural de Pontevedra, e residia na Estrada das Laranjeiras, 74, 76. A sua autópsia deve realizar-se hoje, sob a presidência do juiz auxiliar dr. sr. Alfeu da Cruz.

Também foi reconhecido e identificado aquele trabalhador que ante ontem numa obra no Chafariz das Terças, na Cova da Moura, caiu de um andaime. Chamava-se Emilio Rodrigues, de 56 anos, filho de José Rodrigues e de Maria do Rosário, solteiro, natural de Lisboa, e residia na estrada do Loureiro, n.º 3, loja, a Ponte Santa. A sua autópsia deve efectuar-se na segunda-feira, sob a presidência do mesmo magistrado.

Pistola que se dispara

Na enfermaria de Santo António do hospital de São José deu ontem entrada Manuel Fernandes, de 27 anos, servente, residente na rua Domingos Secur, R. F. nº 10 porta n.º 1, que quando em Belém, no dia 15 último, examinava uma pistola a arma disparou-se, indo o projectil attingir-o no joelho esquerdo.

LIMAS

As melhores são as da Uniao. Tome Feltreiras, Vieira de Leiria, Podir em todas as lojas de ferragens. Realizam em preços e qualidade com as melhores tagiladas.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como roldas, peças e mactas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E a casa que fornece em melhores condições).

VIDA POLITICA

Partido Republicano Radical. — Comissão Municipal do Barreiro. — Esta Comissão enviou ao official da Armada, sr. João Manuel Carvalho, preso em São João da Barra em virtude do movimento de 10 de Dezembro, um officio comunicando-lhe ter aprovado por unanimidade uma moção para que seja solicitada, por intermédio do senador sr. Procopio da Freitas, a próxima sessão abrangendo todas as vítimas desse movimento e protestando energicamente contra as perseguições, assim como solicitar do directorio para que reclame dos poderes constituídos a justa reintegração de todos os marinheiros que foram afastados.

Junta Nacional das Juventudes Comunistas. — Na sua última reunião apreciou os trabalhos da comissão de imprensa, que deverão ser tratados numa próxima reunião especial, que assentará definitivamente na saída da «Bandeira Vermelha» como órgão deste organismo.

Apreciou uma comunicação recebida dum organismo operário sobre um convite do mesmo, a este organismo, e ao qual respondeu um pretensio organismo central de juvenis comunistas que se intitula Federação das Juventudes Comunistas, resolvendo tornar publico o seu protesto contra semelhante intrusão e avisar todos os jovens comunistas da região portuguesa, de que o unico organismo central da organização juvenil comunista é a Junta Nacional das Juventudes Comunistas, cuja correspondência deve ser enviada para a rua de São Marçal, 60, 3.º.

O comité executivo reúne na próxima segunda-feira para deliberar sobre correspondência internacional recbida.

Das melhores procedências e a preços baratos, vende António Braga, Largo dos Inglesinhos, 50.

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobreiro, bronze, metal, humbo, estanho, titânio, solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 7, 19 (junto ao arco pequeno).

A BATALHA

VIANA-DO-CASTELO

Considerações a propósito de uma greve e da inconsciência dos operários da Empresa Hidro-Eléctrica

VIANA-DO-CASTELO, 15. — Há dias a Empresa Hidro-Eléctrica de Cova apresentou à Câmara Municipal um requerimento em que pedia autorização para fazer um aumento de \$40 sobre o kilowatt que actualmente jã custa \$80. A Câmara, reconhecendo ser um roubo descarado feito ao consumidor, não permitiu tal aumento, o que originou a Empresa cortar a luz à cidade, alegando porém que tinha o seu pessoal em greve por aumento de salário.

Ora o aumento de salário a este pessoal é de toda a justiça, mas o que não é admissível é fazer o jogo da empresa exploradora, porquanto esta paga-lhe os dias de greve como toda a gente sabe.

E' lamentável e condenável a inconsciência desses operários, pois consentem que a Empresa, para conseguir os seus propósitos de exploração, diga ao povo que são eles que estão em greve e impedem que haja luz. Se tal succedesse e esses operários estivessem organizados no seu sindicato, com cert'z já teriam sido mobilizados, como é vulgar acontecer.

Desde o dia 11 do corrente que não há luz na cidade e ontem reuniu a Câmara Municipal, com a maioria repu-

Melhoramentos locais

Durante estes dias tem prosseguido com certa intensidade os trabalhos do ramal da estação a doces, sendo de crer que em breve se jã um facto este necessário melhoramento.

Que é de lastimar é que as obras do porto e da barra estejam sempre na mesma, se não pior devido ao mau tempo, em virtude da falta de verba, e como os afilhados são muitos quando aparece o dinheiro depressa se esgota. — E.

TEATROS & CINEMAS

CARTAZ

S. CARLOS — Não há espectáculo. NACIONAL — A 21 — Aldeia de Kibiri. S. LUIS — A 21 — Frangula. POLITICA — A 21 — Cristallina. APOLO — A 21 — Vida Airada. AVENIDA — A 21 — Miss Diables. EDEN-TEATRO — A 21 — A Pera de Satana.

MARIA VITORIA. — Não há espectáculo. COLISEU DOS RECREIOS — A 21 — Grande companhia de circo. GIL VICENTE — A 21 — As duas orlas.

OLIMPIA — A 21 — As duas orlas. SALAO FOZ — A 21 — 20, 30 — Variedades. CHIAO TERRASSE — A 21 — 20, 30 — 20, 30.

CONDES (Avenida) — Animatográfico. CENTRAL (Avenida) — Animatográfico. CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatográfico. IDEAL (Loretto) — Animatográfico. ROSIO (Avenida) — Animatográfico. CHATELIER (Praça dos Restauradores) — Fitas faladas. PROMOTORA (Largo do Calvario) — Animatográfico. EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo) — Animatográfico.

Noticias

Estão já concluídos os scenários que foram exporamente executados para a tragicomédia de Augusto de Lacerda intitulada «O Pastor de Madrigal», que terá a sua «premiere», no Nacional, em 4.ª recita de assinatura, na próxima semana. Esses scenários foram pintados por Luis Salazar, José Merquillo e Campos & Oliveira, e reproduzem trechos genuinamente espanhóis, pois a tragicomédia, «O Pastor de Madrigal», decorre, ora na vila de Madrigal, ora em Valladolid.

E' amanhã que se estreia no Apolo o quadro «Cruzes, Canhoto & Comp.», que ficará ampliando a revista «Vida Airada». Esse quadro tem a seguinte distribuição: «Tibério Pereira», Joaquim Prata; «Lulu Canhoto», Artur Rodrigues; «Vida Airada», Aurélio Ribeiro; «Francisco Galinha», Alfredo Silva; «O fantasma», Telmo de Sousa; «Trevo», Reginaldo Duarte; «Miss Clara Cruzes», Julia de Assunção; «Menna Estêrre», Elisa Santos; «Arruda», Filomena Calvo; «Inês Pereira», Amélia Figueiredo; «Humanidade», Carmen Martins.

E' amanhã que sobe à scena, definitivamente, no Eden-Teatro a célebre mágica de Eduardo Garrido «A Pera de Satana». A companhia dirigida por António de Macedo, resuscitando um género que as empresas teatraes há muitos anos puzeram de parte, deve ir ao encontro da predilecção do publico um pouco aborrecido já das revistas que a maior parte das vezes, apresentam apenas o condimento condenável da pornografia. No desempenho de «A Pera de Satana», que será posta em

calçado, sem desviar os olhos do rosto da escrava, que começou a tremer e a empalidecer...

Apenas a grande dama acabou de beber, quando muitas mãos se esenderam à porfia para receber o copo... Inclinando-se então para trás e encostando-se a um dos coxins, enquanto que os dois gregos continuavam a ventilar-lhe, Faustina, brincando com os pingentes que trazia um dos dois mancebos, começou a sorrir com sorriso cruel; aquele sorriso mostrou duas ordens de dentes brancos, entre lábios avermelhados, mas de um vermelho cor de sangue... Disse então a escrava que tinha entornado o vinho:

— Philénia, de joelhos...

A escrava assustada obedeceu.

— Mais perto, disse Faustina, mais perto... que eu te possa chegar.

Philénia obedeceu.

— Tenho muito calor! disse a nobre Faustina, enquanto a jóven escrava cada vez mais aterrorada, rojando-se pelo chão, se aproximava da sua senhora...

Quando esta disse que tinha calor, os dois jovens gregos agitaram mais fortemente as ventarolas e a que tratava dos lenços, revolvendo um acafeite perfumado, deu um quadrado de linho ricamente bordado a uma das suas companheiras que se apressou em limpar respeitosamente a fronte húmida de sua senhora.

Philénia, continuando de joelhos esperava a sua sorte tremendo.

Faustina contemplou-a alguns instantes com ar de satisfação feroz e disse:

— A pregadeira...

A estas palavras a escrava estendeu para sua senhora as mãos supplicantes; mas ela, sem parecer reparar no gesto de súplica, disse ao preto gigantesco:

— Erebo, descobre-lhe o seio e segura-a bem!

O preto, com alegria dissoluta, executou as ordens da nobre senhora, que pegou então num singular e horrível instrumento de tortura. Era uma haste de aço assás longa, muito flexível, tendo no fim uma chapa e oiro redonda, que cobria a uma pregadeira de seda

calçado, sem desviar os olhos do rosto da escrava, que começou a tremer e a empalidecer...

Apenas a grande dama acabou de beber, quando muitas mãos se esenderam à porfia para receber o copo... Inclinando-se então para trás e encostando-se a um dos coxins, enquanto que os dois gregos continuavam a ventilar-lhe, Faustina, brincando com os pingentes que trazia um dos dois mancebos, começou a sorrir com sorriso cruel; aquele sorriso mostrou duas ordens de dentes brancos, entre lábios avermelhados, mas de um vermelho cor de sangue... Disse então a escrava que tinha entornado o vinho:

— Philénia, de joelhos...

A escrava assustada obedeceu.

— Mais perto, disse Faustina, mais perto... que eu te possa chegar.

Philénia obedeceu.

— Tenho muito calor! disse a nobre Faustina, enquanto a jóven escrava cada vez mais aterrorada, rojando-se pelo chão, se aproximava da sua senhora...

Quando esta disse que tinha calor, os dois jovens gregos agitaram mais fortemente as ventarolas e a que tratava dos lenços, revolvendo um acafeite perfumado, deu um quadrado de linho ricamente bordado a uma das suas companheiras que se apressou em limpar respeitosamente a fronte húmida de sua senhora.

Philénia, continuando de joelhos esperava a sua sorte tremendo.

Faustina contemplou-a alguns instantes com ar de satisfação feroz e disse:

— A pregadeira...

A estas palavras a escrava estendeu para sua senhora as mãos supplicantes; mas ela, sem parecer reparar no gesto de súplica, disse ao preto gigantesco:

— Erebo, descobre-lhe o seio e segura-a bem!

O preto, com alegria dissoluta, executou as ordens da nobre senhora, que pegou então num singular e horrível instrumento de tortura. Era uma haste de aço assás longa, muito flexível, tendo no fim uma chapa e oiro redonda, que cobria a uma pregadeira de seda

calçado, sem desviar os olhos do rosto da escrava, que começou a tremer e a empalidecer...

Apenas a grande dama acabou de beber, quando muitas mãos se esenderam à porfia para receber o copo... Inclinando-se então para trás e encostando-se a um dos coxins, enquanto que os dois gregos continuavam a ventilar-lhe, Faustina, brincando com os pingentes que trazia um dos dois mancebos, começou a sorrir com sorriso cruel; aquele sorriso mostrou duas ordens de dentes brancos, entre lábios avermelhados, mas de um vermelho cor de sangue... Disse então a escrava que tinha entornado o vinho:

— Philénia, de joelhos...

A escrava assustada obedeceu.

— Mais perto, disse Faustina, mais perto... que eu te possa chegar.

Philénia obedeceu.

— Tenho muito calor! disse a nobre Faustina, enquanto a jóven escrava cada vez mais aterrorada, rojando-se pelo chão, se aproximava da sua senhora...

Quando esta disse que tinha calor, os dois jovens gregos agitaram mais fortemente as ventarolas e a que tratava dos lenços, revolvendo um acafeite perfumado, deu um quadrado de linho ricamente bordado a uma das suas companheiras que se apressou em limpar respeitosamente a fronte húmida de sua senhora.

Philénia, continuando de joelhos esperava a sua sorte tremendo.

Faustina contemplou-a alguns instantes com ar de satisfação feroz e disse:

— A pregadeira...

A estas palavras a escrava estendeu para sua senhora as mãos supplicantes; mas ela, sem parecer reparar no gesto de súplica, disse ao preto gigantesco:

— Erebo, descobre-lhe o seio e segura-a bem!

O preto, com alegria dissoluta, executou as ordens da nobre senhora, que pegou então num singular e horrível instrumento de tortura. Era uma haste de aço assás longa, muito flexível, tendo no fim uma chapa e oiro redonda, que cobria a uma pregadeira de seda

calçado, sem desviar os olhos do rosto da escrava, que começou a tremer e a empalidecer...

Apenas a grande dama acabou de beber, quando muitas mãos se esenderam à porfia para receber o copo... Inclinando-se então para trás e encostando-se a um dos coxins, enquanto que os dois gregos continuavam a ventilar-lhe, Faustina, brincando com os pingentes que trazia um dos dois mancebos, começou a sorrir com sorriso cruel; aquele sorriso mostrou duas ordens de dentes brancos, entre lábios avermelhados, mas de um vermelho cor de sangue... Disse então a escrava que tinha entornado o vinho:

— Philénia, de joelhos...

A escrava assustada obedeceu.

— Mais perto, disse Faustina, mais perto... que eu te possa chegar.

Philénia obedeceu.

— Tenho muito calor! disse a nobre Faustina, enquanto a jóven escrava cada vez mais aterrorada, rojando-se pelo chão, se aproximava da sua senhora...

Quando esta disse que tinha calor, os dois jovens gregos agitaram mais fortemente as ventarolas e a que tratava dos lenços, revolvendo um acafeite perfumado, deu um quadrado de linho ricamente bordado a uma das suas companheiras que se apressou em limpar respeitosamente a fronte húmida de sua senhora.

Philénia, continuando de joelhos esperava a sua sorte tremendo.

Faustina contemplou-a alguns instantes com ar de satisfação feroz e disse:

— A pregadeira...

A estas palavras a escrava estendeu para sua senhora as mãos supplicantes; mas ela, sem parecer reparar no gesto de súplica, disse ao preto gigantesco:

— Erebo, descobre-lhe o seio e segura-a bem!

O preto, com alegria dissoluta, executou as ordens da nobre senhora, que pegou então num singular e horrível instrumento de tortura. Era uma haste de aço assás longa, muito flexível, tendo no fim uma chapa e oiro redonda, que cobria a uma pregadeira de seda

calçado, sem desviar os olhos do rosto da escrava, que começou a tremer e a empalidecer...

Apenas a grande dama acabou de beber, quando muitas mãos se esenderam à porfia para receber o copo... Inclinando-se então para trás e encostando-se a um dos coxins, enquanto que os dois gregos continuavam a ventilar-lhe, Faustina, brincando com os pingentes que trazia um dos dois mancebos, começou a sorrir com sorriso cruel; aquele sorriso mostrou duas ordens de dentes brancos, entre lábios avermelhados, mas de um vermelho cor de sangue... Disse então a escrava que tinha entornado o vinho:

— Philénia, de joelhos...

A escrava assustada obedeceu.

— Mais perto, disse Faustina, mais perto... que eu te possa chegar.

Philénia obedeceu.

— Tenho muito calor! disse a nobre Faustina, enquanto a jóven escrava cada vez mais aterrorada, rojando-se pelo chão, se aproximava da sua senhora...

Quando esta disse que tinha calor, os dois jovens gregos agitaram mais fortemente as ventarolas e a que tratava dos lenços, revolvendo um acafeite perfumado, deu um quadrado de linho ricamente bordado a uma das suas companheiras que se apressou em limpar respeitosamente a fronte húmida de sua senhora.

Philénia, continuando de joelhos esperava a sua sorte tremendo.

Faustina contemplou-a alguns instantes com ar de satisfação feroz e disse:

— A pregadeira...

A estas palavras a escrava estendeu para sua senhora as mãos supplicantes; mas ela, sem parecer reparar no gesto de súplica, disse ao preto gigantesco:

— Erebo, descobre-lhe o seio e segura-a bem!

O preto, com alegria dissoluta, executou as ordens da nobre senhora, que pegou então num singular e horrível instrumento de tortura. Era uma haste de aço assás longa, muito flexível, tendo no fim uma chapa e oiro redonda, que cobria a uma pregadeira de seda

NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

Barcarena

A saúde pública em perigo

BARCARENA, 16. — Chamámos já há meses, por intermédio de «A Batalha», a atenção da comarca de Oeiras para o deplorável estado em que se encontram os canais do chariz de nossas palmeiras; mas indêz foram as nossas palavras pois até hoje aquela entidade não se dignou ordenar as necessárias reparações.

Para se avaliar a higiénie que por aqui existe basta dizer-se que não há buracos nem recanto nesta terra que não esteja transformado em estrumeira.

Se há quem não hesite em lançar dejectos sobre os transeuntes...

Entretanto a varíola, o tifo e outras doenças vão realizando a sua mortífera obra sem que a câmara de Oeiras chame um pouco da higiénie desta localidade.

Sines

O conflito marítimo

SINES, 15. — Vai entrando numa nova fase o conflito marítimo, que há nove meses a firma Rosa & Esteves e os agentes de navegação aqui provocaram, mercê duma mais efectiva e entendida solidariedade.

Assim o esperavam, resolvidos, os marítimos indicados, tendo em vista que a justiça da sua causa, se oporia à tirania dos seus inimigos.

A pressão exercida em Lisboa por corticeiros e marítimos contra a última decisão do «Valeto», mais propriamente «Girasso», estorceu e intimidou os causadores do conflito, por isso que sentem, apesar sobre eles, a responsabilidade dos prejuizos causados e da anomalia que se observa na vida comercial e industrial da localidade.

Mis quer queiram quer não queiram, eles, os causadores do conflito referido, e os eslamaleques que em volta deles tem girado, não de fatimamente penitenciar-se da afronta feita à classe operária organizada, e dos transtornos e da situação miserável, que a sua prevaricação originou a tanta gente.

Sio, esperados por estes dias, se o tempo o permitir, dois barcos para o pessoal associado; a seguir virá para esta carreira o hiate «Armados», do qual é mestre João Rebelo, homem de incontestável valor moral, devido ao seu honesto procedimento, a quem no início deste conflito foram dirigidos os maiores improperios pelos representantes das forças vivas da burguezia por motivo da sua elevada atitude, favorável à causa dos marítimos, injusta e arbitrariamente submetidos a situação em que presentemente se encontram.

Ficamos aguardando que o Tribunal da Consciência Pública, e os mutuos de veres de solidariedade, julguem dos futuros acontecimentos. — C.

As celebrações artísticas que a companhia estalando os seus melhores, mais variados e mais emocionantes exercícios que a assistência aplaude todas as noites com o maior enthusiasmo.

Federacão Nacional das Cooperativas

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

Rua Alves Correia, 32 — LISBOA

A fim de reformar os estatutos, convocou a reúnir-se em 2.ª convocação, na sede da Associação de Classe dos Chauffeurs, Largo de S. Domingos, 11, letra J, porta, 1. 2.ª (Palácio dos Condes de Almada, antigo Quartel General) a assembleia Geral Extraordinária da Federação Nacional das Cooperativas.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1924.

Pela Cooperativa Presidente (a) José Francisco Mendes do Passo

Vizinhos do Mar

Terras de Fogo

— por JULIÃO QUINTINHA —

Preço de cada \$500, pelo cor. \$550

ULTIMA HORA!

Uma boa noticia

Apesar da grande subida das fazendas de lá para fatos e vestidos, continuam a vendê-las por preços baratissimos os fabricantes donos da Covilhã, porque as fabricam e vendem directamente ao publico nos seus depósitos. Tem um colossal sortido de fazendas de lá e es tambre para fatos, sobretudo, vestidos e casacos em todos os padrões e cores, quasi por metade da preço.

Antes de fazer as suas compras consultem os preços desta casa.

Depósito de venda a retalho: Em Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 187, 2.ª. No Porto: Rua Fernandes Tomás, 392-A.

Liga dos Direitos do Homem

Uma campanha contra os abusos e violências das autoridades

Para eleição de novos corpos directivos reúne a assembleia geral desta colectividade no próximo domingo, pelas 13.30 horas, na sua sede, praça Luís de Camões, 46, 2.ª. Na mesma reunião vai ser apresentada sem demora uma campanha contra os abusos da autoridade, ilegalidades e arbitrio predominantes na sociedade portuguesa.

Bradando no deserto

O tenente Sousa Azevedo não se cala e a justiça continua surda

O sr. Alfredo de Sousa Azevedo, que continua a exigir justiça, contra alguns homens da república pede-nos a publicação da sua última carta dirigida ao presidente da república e que é do seguinte teor:

«Ilustrissimo e excellentissimo senhor presidente da república portuguez. — Excelência: Continuando como portuguez, na defesa da nossa pátria contra os inimigos internos, volto pela 4.ª vez a dirigir-me a vossa excellência, como muito digno representante de Portugal, pedindo o respeito, cumprimento, e execução das leis e o acatamento da constituição deste infeliz povo portuguez.

Há mais de dois anos, excellentissimo senhor presidente, que em obediência e respeito às leis do país, acuso, participo e denuncio graves crimes; há mais de dois anos que inimigos de Portugal, atirando a constituição cometem peculatos gravissimos, e servindo-se do poder que, por fraqueza do exercito, da marinha e do povo, acidentalmente tem detido, me tem sequestrado, falsamente militarizado, desterrado em Bragança, para assim conseguirem a impunidade para os graves crimes que cometeram, e não entrarem em prisão, onde fatalmente, e dentro de um período maior ou menor, terão de entrar, para honra deste povo que quer pertencer à categoria de nação civilizada.

Excellentissimo Senhor Presidente da República, em nome da constituição, constiuição que vossa excellência jurou defender e acatar, eu reclamo a minha

liberdade, em nome da constituição, reclamo liberdade às justicas de Portugal para proceder contra os criminosos por mim legal e juridicamente accusados, em nome da constituição, da justiça e da lei do reclamo do meu regresso immediato a Lisboa às minhas funções civis, cessando o falso militarismo que por ordem dos criminosos e seus agentes, estou há quasi um ano sujeito, como penhor e suborno de seus numerosos crimes.

Em nome da constituição, excellentissimo senhor presidente da república, reclamo a instauração de processo contra todos os criminosos, e por todos os seus crimes, servindo de base a esse processo as minhas 12 participações e o meu extenso depoimento com as numerosas testemunhas.

Excelentissimo senhor presidente da república, fui pelo arbitrio, pela força, pela violência arrancado ao exercicio de minhas funções publicas, insultado, e difamado, e metido numa prisão sem

culpa formada durante 90 dias, conotando hoje ainda, desterrado, falso e irritantemente militarizado, por, como portuguez, cumprindo o meu dever, e denunciando crimes e accusar criminosos; a vossa excellência pela 4.ª vez hoje me dirijo a fim de terminar definitivamente a inconstitucional situação de estar em prisão participante e accusado, priado como penhor à ordem de seus accusados, os quais pretendendo encobrir seus crimes, e dispondo da força, delata se a quem para se encobrir e fazer calar a sua denuncia.

Espero desta vez ser atendido por vossa excellência, se o não for airmo novamente e sempre me dirigirei, certo de que sairei vencedor, porque entrego o fardo da força dos criminosos, e o direito da futura justiça da pátria portuguesa, vencerá fatalmente o direito da justiça.

Saúde e Fraternidade, Bragança a 9 de Janeiro de 1924. — Alfredo de Sousa Azevedo. voluntário, ferido da guerra»

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única privilegia e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior duração.

Dúzia 60 centavos (incluido com as imitações)

Venda nos centros e aos milhiteiros, assim como isqueiros, roldas, tubos, pipas e tambores, aos melhores preços para revenda.

Pedra de

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Ferramentas

Das melhores procedências e a preços baratos, vende António Braga, Largo dos Inglesinhos, 50.

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobreiro, bronze, metal, humbo, estanho, titânio, solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 7, 19 (junto ao arco pequeno).

OS Mistérios do Povo

para o canal e viu entrar, trazendo na mão um archote, um negro da Etiópia, de gigantesca estatura, com um barrete escarlate e trajando um curto vestuário cor de laranja bordado de prata. Este escravo trazia ao pescoço um largo colar também de prata e nas pernas descobertas e musculosas, argolas do mesmo metal.

O etiope acendeu muitos candelabros dourados, colocados em volta duma estátua representando o deus Priapo; uma grande luz brilhou então na roduda, enquanto que a cavidade dos címbrios da cúpula superior, onde se escondia Sylvest, permanecia às escuras; entre as colunas interiores de mármore branco, enriquecidas de caneluras douradas como os seus capiteis, via-se pinturas a fresco, de tal modo obscenas, que Sylvest se envergonharia de as descrever; o chão do templo desaparecia debaixo de um feto colchão coberto de púrpura, bem como de um grande número de coxins colocados em diversas partes.

Entre duas colunas e fronteiros estavam bufetes de de marfim esculpidos de conchas; nas suas prateleiras de porfiro via-se grandes vasos de oiro esmaltados, copos ornados de pedras preciosas e outros ainda mais valiosos: estes copos mandavam-se buscar com grande despesa ao Oriente e eram duma espécie de pata de animal odorifera e polida, brilhando com todas as cores do arco-iriz; em bacias de prata cheias de neve, estavam pequenas ânforas de barro de Sagunto; grandes turbilhos cheios de perfumes, colocados em tripodes, achavam-se dispostos em redor da estátua do deus dos jardins; o preto acendeu-os e logo um vapor balsâmico, mas de uma força quasi embriagante, subiu das tripodes de oiro e encheu a cúpula.

Terminados estes preparativos, o gigantesco etiope desapareceu pela porta da beira de água e não tardou em aparecer outra vez; trazia nos braços, como se fôsse qualquer criança, uma mulher embrulhada em compridos véos; muitas jóvens escravas, duma rara formosura, vestidas com magnificência, seguiam o preto: eram as escravas da grande dama romana, a

rica e nobre Faustina: escravas de vestir, de balouçar, de tocar, de atar sandalias, guarda-joias, cantoras, musicas e outras.

Logo que entraram no templo apressaram-se em reunir os coxins, a fim de recositar o mais indolentemente possível sua senhora, a quem o preto trazia nos braços; As escravas que tinham tocado flauta e lira enquanto se dirigiam para o templo,

